

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CURSO PEDAGOGIA

ELIZÂNGELA LADISLAU SANTANA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL:
CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO
DO LEITOR**

CAMPO GRANDE/MS
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CURSO PEDAGOGIA

ELIZÂNGELA LADISLAU SANTANA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL:
CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO
DO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Leda Pinto

CAMPO GRANDE/MS
2017

----- Santana, Elizângela Ladislau

Contação de história e literatura infantil: considerações e contribuições na formação do leitor/ Elizângela Ladislau Santana - Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

38p.

Monografia (Graduação) – Pedagogia – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017.

Orientador: Profa. Dra. Maria Leda Pinto

1. Contação de história. 2. Literatura Infantil. 3. Formação do leitor. Título

CDD: ----.ed. ----

ELIZÂNGELA LADISLAU SANTANA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL:
CONSIDERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO
DO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Leda Pinto

Aprovada em ___/___/___

Prof.^a Dr.^a Maria Leda Pinto – UEMS (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Guerra – (UEMS)

Prof.^a M^a. Nilva Heimbach– (IESF/UCDB)

Dedico este trabalho a todos os professores que marcaram a minha trajetória escolar e, de alguma forma, contribuíram para a escolha desta curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me sustentar em todos os momentos de angustias e me fortalecer quando achava que não teria forças para seguir.

Agradeço à minha família: aos meus pais, irmãos (inclusive os postigos), cunhados e sobrinha, por todos os eventos familiares perdidos e por todo apoio durante este percurso.

Agradeço à minha querida orientadora, Dra. Maria Leda Pinto, pela paciência e incentivo, que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a todos os professores do Curso de Pedagogia, da Unidade Universitária de Campo Grande/UEMS, por compartilharem o conhecimento tão essencial a minha formação.

Agradeço aos amigos e colegas de curso, em especial a Adriane, Ana Karoliny e Thais, pelo incentivo e pelo apoio constante.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram e tornaram possível a realização deste sonho.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”
(Freire, 2013)

RESUMO

A contação de histórias é uma arte milenar que surgiu muito antes da escrita ser inventada. As pessoas precisavam transmitir aos outros as suas descobertas, pensamentos, conselhos, crenças, aprendizagens, entre outros, e utilizavam da oralidade para transmitir esses feitos. As histórias se constituem em uma das atividades que possibilitam às pessoas se tornarem leitoras assíduas e interessadas e, neste sentido, podem levar a criança a percorrer um longo caminho, cheio de descobertas, curiosidades e a ter uma maior compreensão do mundo em que vive. Diante dessa necessidade que as crianças têm de interagir com o mundo, seja real ou imaginário, esta pesquisa tem por objetivo analisar a contribuição da contação de história e da literatura infantil sob a perspectiva da análise do discurso, para a formação do leitor, procurando mostrar durante este percurso a importância que têm essas histórias infantis nas práticas pedagógicas e porque é relevante que sejam inseridas pelo professor em sala de aula a fim de proporcionar o ensino e a aprendizagem, da leitura e a formação do leitor. Dessa perspectiva, a questão que procuramos responder neste trabalho é: qual é contribuição da contação de histórias e da literatura infantil no processo de aprendizagem e formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para a fundamentação teórica utilizamos vários autores como: Abramovich (1997); Azevedo (1999); Bakhtin (1992); Coelho (1999); Foucambert (1994); Meirelles (1979); Zilberman (2015), dentre outros. Além da pesquisa bibliográfica realizada, houve também uma experiência de contação de história em uma turma de 2º ano Ensino Fundamental de uma escola particular de Campo Grande/MS. A experiência nos permitiu verificar que há uma receptividade muito grande das crianças em ouvir histórias e como essa atividade suscita nessas crianças o desenvolvimento do imaginário, além de propiciar possibilidade de melhorar a linguagem, a atenção, o desenvolvimento da memória e é claro o gosto pela leitura.

Palavras-chaves: Contação de história. Literatura Infantil. Formação do leitor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	12
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA	12
1.1 A Análise do Discurso	12
1.2 A Contação da História e a Evolução da Literatura Infantil.....	15
1.2.1 A Importância da Contação de Histórias	18
1.2.3 Como Contar Histórias	21
1.3 A Leitura da Literatura Infantil na Formação do Leitor.....	23
CAPÍTULO 2	26
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ESCOLA.....	26
2.1 Descrição e Análise da Experiência – A “Curiosidade Premiada” dos Estudantes	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO.....	35

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a contribuição da contação de história e da literatura infantil sob a perspectiva da análise do discurso, para a formação do leitor, procurando mostrar durante este percurso a importância que têm essas histórias infantis nas práticas pedagógicas e porque é importante que sejam inseridas pelo professor em sala de aula a fim de proporcionar o ensino e a aprendizagem, da leitura e a formação do leitor.

A contação de história é uma prática antiga e existe mesmo antes do surgimento da escrita, pois o ser humano sempre teve algo para contar a alguém, seja real ou imaginário. Desde muito cedo, a criança sente necessidade de se comunicar com as outras pessoas. Essa necessidade deve-se ao fato de que a comunicação é fundamental dentro da sociedade, pois é por meio dela que as pessoas interagem, opinam, argumentam, exprimem seus sentimentos, entre outros fatores argumentativos.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p. 21-22), por isso é necessário que a prática de leitura e o contato com o livro deva ser sempre incentivados dentro das escolas, pois é onde a criança passa grande parte do tempo, interagindo socialmente e recebendo influências e valores culturais fundamentais para a sua formação enquanto cidadão.

Portanto, para tornar a leitura em algo que seja interessante e prazeroso aos olhos da criança, o educador deve buscar métodos que o apoiem no desenvolvimento dessa atividade e inseri-la na rotina escolar. É preciso que esse professor desperte nos alunos uma verdadeira “paixão” pelos livros e pela leitura, que não o faça por obrigação, mas sim por gosto, por prazer, pela necessidade de entrar em um mundo de fantasia, onde tudo é possível e de onde é capaz de tirar o aprendizado tão necessário ao processo de aprendizagem.

Dessa perspectiva, a questão que procuramos responder neste trabalho é: qual é contribuição da contação de histórias e da literatura infantil no processo de aprendizagem e formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, que busca, por meio da experiência em sala de aula, analisar o papel da contação de história na rotina escolar como importante instrumento do professor na formação do leitor, bem com facilitadora do processo ensino-aprendizagem da criança. Abramovich (1997); Azevedo (1999); Bakhtin (1992); Coelho (1999); Foucambert (1994); Meirelles (1979); Zilberman (2015), dentre outros, forneceram a fundamentação teórica necessária à realização desta pesquisa.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo apresentamos um breve histórico da abordagem teórica da análise do discurso escolhida para a fundamentação deste trabalho. Da mesma maneira, discorreremos sobre a contação de história e a literatura infantil, além de recuperarmos a importância da leitura da literatura em sala de aula, para a formação do leitor.

No segundo capítulo, relatamos uma experiência de contação de história em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da de uma escola particular de Campo Grande/MS, com a utilização do livro infantil “Curiosidade Premiada” de autoria de Fernanda Lopes de Almeida, onde foi possível perceber como realmente é importante a leitura da literatura infantil dentro da sala de aula, na rotina pedagógica.

Destacamos que este trabalho tem como papel levar-nos a fazer uma reflexão sobre a importância do hábito da leitura, por meio da contação de história e a interação da criança com os livros de literatura.

CAPÍTULO 1

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

A formação do leitor é uma das grandes preocupações dentro das escolas e a contação de história é um rico instrumento que pode propiciar à criança o gosto pela leitura, pois é com ela que a criança descobre o mundo mágico dos livros, e isto vem sendo tema de pesquisa nas diversas linhas teóricas existentes. Por ser um assunto de grande relevância dentro do meio acadêmico, motivou-nos a realização desta pesquisa onde foi possível analisar, por meio da Análise do Discurso de linha francesa, a influência/importância que a contação de história e a literatura infantil têm na formação do futuro leitor.

1.1 A Análise do Discurso

Entre as décadas de 1950 e 1960 predominavam os estudos de Saussure (1916) sobre a linguagem, na perspectiva do Estruturalismo. Inicialmente, ao tentar definir a linguagem e os fatores que a constituem, Saussure (1916) afirma que ela pode ser utilizada como um objeto de estudo, pois possui regras, diversas facetas e é de domínio variado. Isso acontece, pois, os fatores que compõe a linguagem são de caráter social e individual, sendo que um não existe sem o outro. Língua e fala são partes de um mesmo sistema. Porém a língua é imposta ao indivíduo, enquanto a fala é um ato individual.

Saussure (1916) observa a língua como algo social que vai além do caráter individual da fala e como um sistema de comunicação de um determinado grupo linguístico. Para o autor, a língua é a essência da linguagem humana, pois faz parte do produto social, é análoga e estável. Sendo um sistema maior que o sujeito, uma vez que é um sistema que esse sujeito não pode criar ou modificar.

Em contrapartida, existe a fala, individual, ilimitada e assistemática, que não pode ser controlada, já que nela não se podem estabelecer normas a serem seguidas no momento do discurso. A união da língua e fala, resulta na formação da linguagem.

Outro aspecto importante deste estudo é a do signo linguístico. O signo consiste no resultado de significado (conceito da palavra) mais significante (forma gráfica e som da palavra). Toda palavra carregada de sentido é considerada um signo linguístico. Uma das características principais do signo linguístico é o seu caráter arbitrário, que consiste em não ter uma explicação para o fato de o significado estar associado ao significante. Por isso, cada língua utiliza sons diferentes para um mesmo conceito e grafia.

[...] um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A idéia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo. (SAUSSURE, 1916, p. 86).

O Estruturalismo é um sistema imóvel e acabado, que dispõe aos indivíduos signos e normas que estes não podem modificá-las. Para Koch (2006, p.14), “a concepção de língua como estrutura, por seu turno, corresponde a de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciência”. Sendo assim, ao trazermos essa concepção para a relação professor/aluno na escola, temos como exemplo que não está existindo um diálogo entre esse professor e seus alunos, valorizando-se, nas práticas de sala de aula, a cópia e repetição do conteúdo, sem haver, necessariamente, uma compreensão do conteúdo apresentado.

Falantes e ouvintes, na perspectiva pedagógica do estruturalismo, são passivos, sendo seu papel emitir a mensagem e o do ouvinte de decodificá-la. A mensagem não pode ser recebida de forma diferente da ideia pensada pelo emissor.

Com os avanços dos estudos linguísticos, surgiu então a necessidade de trazer um novo significado para a compreensão da língua. Dessa forma, diversos estudiosos deixaram de refletir apenas sobre a estrutura da língua em si, mas também sobre o discurso produzido pelos sujeitos. Com esses estudos, surge então a Análise do Discurso (AD). Dentre os estudiosos dessa

abordagem teórica estão Michael Pêcheux, Dominique Maingueneau e Jacqueline Authier-Revuz.

[...] a Análise do Discurso é herdeira das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2005, p. 20).

Sendo assim, a Análise do Discurso não se preocupa exclusivamente com o discurso, mas também com as influências externas que o atingem e em que são produzidos como o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto social e histórico.

A linguagem não é formada apenas pelo pensamento individual do sujeito, mas sim por meio da interação com o ambiente social no qual convive. Esse meio é responsável por influenciar no modo que o indivíduo se manifesta para poder se comunicar com as pessoas ao seu redor. A construção do discurso se constitui mediante as condições sociais e históricas do meio social desse indivíduo. A linguagem é vista “como uma ação orientada para uma finalidade específica [...] que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história” (BRASIL, 2000, p. 20).

Para Bakhtin (1992), a língua proporciona diversas possibilidades de comunicação que são concretizadas por meio dos gêneros discursivos, que são definidos pelo mesmo autor como tipos de enunciado que estão vinculados às situações características da sociedade. Para se comunicar, o indivíduo utiliza de um gênero discursivo na interação com o outro. Até uma criança, antes mesmo de ler ou escrever, se utiliza dos gêneros para interagir com os familiares, com outras crianças por meio da oralidade.

A escola é um ambiente em que circulam inúmeros gêneros discursivos: em sala de aula, em uma roda de conversa em que a criança expõe o que entendeu sobre a história contada, durante a reunião com os pais,

durante as conversas com os colegas no intervalo. Cada uma dessas situações exige um ou mais gêneros de discurso diferente. Assim como, um trabalho científico apresentado na universidade requer uma linguagem diferente da utilizada nas redes sociais *Facebook* ou *Whatsapp*, ou mesmo uma linguagem diferente do nosso falar cotidiano.

Dessa forma, esta pesquisa se baseia na concepção de leitura que a Análise do Discurso preconiza, em uma perspectiva defendida por Orlandi (2000, p.7) “[...] leitura, vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como atribuição de sentidos. Daí ser utilizada indiferentemente tanto para a escrita como para a oralidade.” Procuramos estabelecer neste trabalho uma inter-relação desta concepção de leitura com a importância da contação de história e as proposições da literatura infantil.

1.2 A Contação da História e a Evolução da Literatura Infantil

A contação de histórias é uma arte milenar e surgiu muito antes da escrita ser inventada: as pessoas precisavam transmitir aos outros as suas descobertas, pensamentos, conselhos, crenças, aprendizagens, entre outros, e utilizavam a oralidade para transmitir esses feitos.

Nessa época, os indivíduos confiavam na memória para passar adiante as suas histórias e valores. Sendo assim, os mais velhos contavam aos mais novos sobre os seus antepassados e assim sucessivamente os feitos históricos eram passando de pais para filhos.

No plano da expressão, do discurso (ou do significante), sabemos que os contos populares sobreviveram ao longo dos séculos de boca em boca, transmitidos por bardos, menestréis e contadores de histórias. Estes, invariavelmente, recorriam a um discurso conciso, a uma linguagem marcada pela expressão oral, fórmulas verbais pré-fabricadas, ditados, frases feitas e a um vocabulário popular e acessível, tendo em vista a comunicação clara e direta com a plateia (AZEVEDO, 1999, p. 7)

Segundo Meireles (1979, p. 41), a contação de histórias é um ofício antigo “[...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a

indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida”.

No entanto, nem sempre a contação de histórias foi pensada também para as crianças. É preciso reconhecer como a literatura infantil foi introduzida no meio escolar e como foi pensada a respeito deste assunto.

Segundo Zilberman (2015), os livros voltados para o público infantil foram desenvolvidos no final no século XVII e durante o século XVIII. Antes desse período, as crianças participavam da rotina da vida adulta e eram vistas como tal. Não havia diferença, para aquela sociedade, entre uma criança de sete anos, por exemplo, e um adulto de trinta e cinco anos. Em razão dessa igualdade, justifica-se o grande número de mortalidade infantil, uma vez que essas crianças eram expostas ao trabalho árduo de uma pessoa mais velha.

A visão que temos hoje do que seja criança é ligada, naturalmente, ao nosso contexto histórico, social, científico (epistemológico) e cultural. Estamos habituados a conviver, pelo menos em certas classes sociais, com uma infância apartada da vida adulta (do trabalho, da sexualidade, da política etc.), habitando um universo delimitado por assuntos escolares, certo vocabulário, certas brincadeiras e certos assuntos. Em outras épocas, existiram outras crianças, tratadas de outras formas, ocupando outros espaços dentro da família e da sociedade. No período medieval, como vimos, crianças e adultos trabalhavam duro. À noite, sentavam-se lado a lado e juntos deliciavam-se com as mesmas histórias, participavam das mesmas festas e, pelo menos em tese, estavam sintonizados com as mesmas inquietações. (ZUMTHOR apud AZEVEDO, 1999, p.6)

As famílias, na idade média, eram muito diferentes no que se refere ao tratamento que disponibilizavam às crianças. As mesmas ficavam em casa até a idade de mais ou menos nove anos e depois eram entregues à outras famílias como aprendizes na realização dos mais diversos serviços. E o período que ficam em suas casas, eram tratadas como mini adultos ou figuras meramente ilustrativas, que tinham que estar sempre “limpos e asseados para serem vistos. Não havia uma relação de afetividade, principalmente para com as crianças, que eram vistas, porém não ouvidas e nem reconhecidas como membros da família de fato.

Com o tempo, a visão de família foi modificada e, durante a Idade Moderna, passou a ser vista não mais como relações de parentesco, em que os parentes tinham a liberdade de intervir nos negócios, e sim como um espaço familiar restrito apenas aos moradores da casa. Com essa restrição, o afeto entre os membros era cada vez mais estimulado.

A partir do século XVII, em decorrência do surgimento de sentimento moderno de infância, a sociedade passa a pensar em um tipo de literatura que fosse voltada para o público infantil e que, posteriormente, foi denominada de literatura infantil. As primeiras obras destinadas para essa faixa etária ensinavam o latim por meio de gravuras, associando, dessa forma, palavra e imagem. Denise Escarpit (1981) cita em seus estudos a obra *Orbis Sensualium Pictus*, de Comenius (1658), como o primeiro exemplar publicado no modelo mencionado que é bem parecido com os livros didáticos que são utilizados nas escolas da atualidade.

O surgimento de uma literatura voltada ao público infantil foi de grande importância, pois trata de inúmeros temas com uma linguagem adequada para este público, além de conter elementos atrativos como: cores, imagens, tamanhos diferentes e, às vezes, até sons que estimulam a criança e a tornam mais interessada naquela leitura.

Ela é definida, de acordo com Coelho (1999, p. 27), como um “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e real, os ideais, e sua possível/impossível realização”.

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. (OLIVEIRA, 1996, p. 27)

No Brasil há inúmeros autores que voltaram seus olhares para o público infantil, dentre eles destacam-se: Monteiro Lobato, autor do clássico “Sítio do Pica-pau Amarelo”, publicado entre 1920 e 1947; Ruth Rocha que tem “Marcelo, marmelo, martelo”, de 2011, como título mais conhecido; Cecília Meireles, com destaque aos poemas “Ou isto ou aquilo” (1964); e Ziraldo, não

menos importante, que é considerado o “Pai” do Menino Maluquinho, obra publicada em 1980 pela primeira vez.

Esses autores foram alguns dos que trouxeram a leitura para mais perto da linguagem que as crianças compreendem, possibilitando, como afirma Orlandi (2000, p.7) a “atribuição de sentidos”, pois ficou didaticamente mais acessível à compreensão. Eles transformaram os livros em algo atrativo e com caráter divertido. No entanto, de acordo com Oliveira (1996):

Sabemos que ler não é uma prática habitual de nossas crianças. Sabemos também que o leitor se forma no exercício de leitura. Mas no caso de leitores infantis, tal exercício compreende algo mais do que simplesmente tomar um livro nas mãos e decodificá-los através da leitura. (OLIVEIRA, 1996, p. 18)

Diante do que afirma a autora, no caso de leitores infantis, o professor tem a função de estimular o seu aluno a buscar, a leitura de livros por prazer. Por meio da introdução desta prática, o aluno ficará cada vez mais interessado em abrir um livro, por conta própria, e descobrir nele um mundo cheio de imaginação.

1.2.1 A Importância da Contação de Histórias

Desde muito cedo, a criança sente necessidade de se comunicar com as outras pessoas. Essa necessidade deve-se ao fato de que a comunicação é fundamental dentro da sociedade, pois é por meio dela que as pessoas interagem, opinam, argumentam, exprimem seus sentimentos, entre outros fatores argumentativos.

A contação de histórias é um meio que pode ser utilizado dentro da sala de aula, a fim de aperfeiçoar ainda mais a capacidade de comunicação da criança, uma vez que, nesse universo, ela entra em contato com diversas histórias que abrangem inúmeros assuntos. Além disso, a contação de histórias, estimula a criatividade, a oralidade e o pensamento crítico.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar

uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4)

Quando a criança ouve histórias diariamente passa a compreender melhor o mundo ao seu redor, pois no momento da contação há uma relação de troca entre o contador e o ouvinte. Dessa forma, a criança traz consigo todas as suas experiências já vividas e as relaciona com a história.

A partir do momento que a contação de histórias é inserida no planejamento escolar pelo professor e é utilizada não só para manter os estudantes calmos, mas sim como forma de estimulá-los, as aulas se tornam mais prazerosas e interessantes para eles. Com isso serão formados os futuros leitores e, segundo Havelock (1995, p. 28), “bons leitores surgem a partir de bons falantes, capazes de recitar”.

Ao contar a história da Chapeuzinho Vermelho, um clássico conto de fadas, por exemplo, o professor estimula a criança a imaginar como é o ambiente da história, a aparência dos personagens e os acontecimentos em si. Então as crianças podem formar em suas mentes, a imagem da mãe aconselhando a filha a não seguir pelo caminho da floresta e como a esta a desobedece. Em seguida passam a visualizar o lobo persuadindo a Chapeuzinho a não ir pelo caminho que sua mãe falou; o lobo engolindo a vovó e enganando a menina.

Além de imaginar os acontecimentos da história, os alunos são capazes de trazer a lição dela para a vida deles. Sendo assim, as crianças, no momento da conversa, após a leitura, podem falar sobre quando elas desobedeceram aos pais e o que aconteceu com eles ou, até então, quando um amigo desconsiderou a ordem dos pais.

No entendimento de Foucambert (1994, p. 5) “ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. Como na Educação Infantil as crianças não leem ainda, “ler”, apontado na ideia de Foucambert (1994), pode ser compreendido também como ouvir a história.

Ao trazer as suas experiências pessoais para o momento da leitura, a criança está construindo novos significados daquilo que vivenciou e passa a compreender melhor os acontecimentos do seu cotidiano.

A partir do momento em que a criança é capaz de relacionar o que escutou com algo do seu ambiente social de convívio, está desenvolvendo em si um pensamento crítico sobre o que o cerca. Segundo Freire (1997):

Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?

Dessa forma, o professor pode inserir em seu planejamento a contação de histórias que falam sobre algum problema social e discuti-lo juntamente com as crianças. Ao ouvir a história, elas irão relacionar o tema com algo já vivenciado por elas, ou que já assistiram na televisão ou ouviram falar. Podemos tomar como exemplo o livro “O anel da tartaruga”, do autor César Obeide, que trata a respeito da poluição das águas:

A tartaruga Juliana sente-se especial por causa do anel que tem na cintura, o qual ela acredita ser uma jóia. Com a ajuda de um esperto salmão, ela descobre que o mar está repleto de lixo, que compromete a vida dos animais marinhos, inclusive a dela (seu anel nada mais é do que um anel de garrafa PET, que a deformou, impedindo-a de desovar). Mas, em vez de desanimar com essa descoberta, ela toma uma atitude para que seus amigos não sejam prejudicados, como ela foi.

Com essa história, o professor pode estimular os seus alunos a pensarem sobre este assunto por meio de uma roda de conversa, exposição de imagens, vídeos, entre outros recursos. Com isso, eles poderão levar o assunto para casa e conversar com os seus familiares a respeito, compartilhando, assim, o que aprenderam na escola, além de refletirem sobre o meio ambiente e a ação do homem.

Quando um professor lê em sala um texto ou uma história falando sobre as regras de trânsito e, por meio de imagens, ele explica as regras do semáforo, salientando que não se pode ultrapassar o sinal vermelho, o estudante leva esse aprendizado para casa, para a família e para a vida. Se

por acaso percebe que o condutor do carro desrespeitou o sinal, ele chama a atenção do adulto para a infração.

Desse modo, os professores podem utilizar a contação de história para introduzir algum conteúdo a ser ministrado ou então algum assunto que queira conversar com os educandos, como, por exemplo, algum tipo de preconceito.

É lendo que nos tornamos capazes de criarmos opiniões sobre diversos temas e, também, nos tornamos conscientes do que acontece no mundo a nossa volta. A leitura oral é, então, o meio que as crianças encontram de ler o mundo e estimular a sua imaginação e criatividade.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37)

Em conformidade com Craidy e Kaercher (2001), quando as crianças enfileiram várias cadeiras, uma atrás da outra e começam a brincar de trem, elas estão utilizando da imaginação e fazendo uma simbologia com o meio de transporte, uma vez que “as cadeiras enfileiradas representam uma realidade ausente, ajudando a criança a separar objeto de significado”. (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 30). Por meio do faz de conta, então, é possível construir sentidos e criar incontáveis situações em que a criança é capaz de inventar e brincar com a imaginação.

1.2.3 Como Contar Histórias

Ao contar uma história, o professor precisa preparar-se e conhecer muito bem o que irá ler, pois é primordial que as crianças sintam interesse pela narração. Sendo assim, o contador pode: criar vozes especiais para cada personagem; fazer um cenário para que as crianças consigam se imaginar dentro da história; utilizar fantasias que remetam ao tema abordado; fazer uso dos meios midiáticos para incrementar, como sons e imagens; contar a história por meio de fantoches, bonecos, sombras, entre outros recursos.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes.... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção.... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras.... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1997, p.18)

Quando há um envolvimento do contador com o enredo, este consegue transmitir as emoções que são sentidas pelos personagens e isso faz com que as crianças captem melhor a mensagem que o professor quer transmitir. Se um dos personagens estiver triste é importante que a expressão corporal de quem esteja narrando se adeque ao sentimento dele. Ao fazer isso, a expressão corporal dos estudantes também se torna igual ao personagem: ele sofre junto, assim como se alegra.

“Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais”. (COELHO, 1999, p.21). Ao reconhecer esses elementos essenciais, cabe ao professor dosar a intensidade com que irá demonstrar as emoções. O exagero dos sentimentos é um fator que pode atrapalhar a concentração das crianças durante a contação da história.

Uma história não deve ser usada apenas para acalmar ou silenciar os alunos. Esse momento precisa ser significativo em sala de aula. Posto isto, o educador pode inserir a “hora da história” em seu planejamento e preparar os educandos para este momento, fazendo com que seja algo esperado com bastante expectativa.

Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação e até propiciar a experiência do desgosto, uma vez que esta é também um envolvimento afetivo provocador de busca de superação (OLIVEIRA, 1996, p. 28).

Dessa perspectiva, o momento da contação é um momento de prazer pela leitura e deve ser preparado com uma dedicação especial, já que a

criança irá conhecer um novo mundo e interagir com ele. Consequentemente, um ambiente adequado é essencial. Algumas almofadas podem ser adicionadas e decorações na parede que façam referências à leitura. Com o ambiente agradável, a atenção se volta aos cuidados visuais que irão chamar a atenção das crianças para a narrativa e consequentemente possibilitar a construção de sentido que oportunizará o gosto pela leitura e a formação do leitor.

1.3 A Leitura da Literatura Infantil na Formação do Leitor

A leitura está presente em diversas situações do cotidiano e com diferentes finalidades: no trabalho, na escola, na igreja, para se informar, para estudar, para se divertir ou por puro prazer. A prática da leitura inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo, fora desse meio, na vida.

A escola tem um papel muito significativo nesse desenvolvimento, pois é ela que possibilita criar situações para que a leitura possa ser vista pelos estudantes como um momento prazeroso e de busca da identidade. No ambiente escolar, ela deve ser incentivada todos os dias, por meio de estratégias que permitam que as crianças interajam com as histórias das mais variadas formas.

A leitura é importante para a aprendizagem, pois por meio dela a criança enriquece o vocabulário, obtém conhecimento, melhora o raciocínio e a capacidade de interpretação. A leitura é o mecanismo que dá o suporte necessário para que se possa alcançar a capacidade cognitiva.

A leitura é uma interação verbal entre os indivíduos e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o outro, seu universo, suas relações com o mundo; entre os dois; enunciação; diálogo. (SOARES, 2003, p. 59)

A leitura compreendida como um modo de interação entre o texto, o estudante e o autor, torna-se uma prática social, que possibilita a produção de sentidos por meio da compreensão e interpretação desses signos. Desse ponto

de vista, a leitura é articulada como: interação, produção de sentido, compreensão e interpretação.

Pelo repertório prévio de experiências (conceituais, linguísticas, afetivas, entre outros), o aluno consegue dialogar com o texto ao recriar as suas experiências por meio da dinâmica de interação com ele. Dessa maneira, os sujeitos desenvolvem a capacidade de construir sentidos dentro dele, ou seja, conseguem interpretar as mensagens que são produzidas, trazendo sempre para a sua realidade de convivência.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p. 59)

Por meio da contação de histórias infantis, as crianças irão relacionando essa história com a vida, com outras histórias, sendo capazes de imaginar um mundo cheio de fantasias, aguçando, dessa forma, a capacidade de criatividade que elas têm, naturalmente. Com essa contação, a criança melhora o seu vocabulário e a forma como se expressar com as pessoas ao seu redor.

Sosa (1978) pontua quatro elementos que servem de base de sustentação da literatura infantil: o caráter imaginoso, o dramatismo, a técnica do desenvolvimento e a linguagem.

Histórias que contêm personagens típicos da imaginação, como fadas, bruxas, monstros, entre outros, atraem a atenção das crianças no momento da contação, uma vez que imaginar é próprio delas.

O dramatismo, de acordo com Sosa (1978) é essencial, pois traduz os sentimentos da criança no momento da história. Segundo Benjamin (2002, p. 105) “A criança mistura-se com as personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto.” No momento em que a criança projeta os seus sentimentos na história, passa a compreender melhor aquilo que está acontecendo com ela. Não precisa ser apenas algo interior, mas também algo do seu cotidiano que

antes ela não era capaz de assimilar e, ao ouvir a história, passa a compreender aquela situação.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados. (CARVALHO, 1989, p.21)

A técnica de desenvolvimento, terceiro ponto importante da literatura infantil, é a exigência da faixa etária e maturidade das crianças que ouvem as histórias. O professor precisa selecionar uma história que tenha coerência com o contexto das crianças. Consoante com os pensamentos de Sosa (1978, p. 39), “na técnica, nos é dado admirar o modo como o autor desenvolve o trecho dos acontecimentos ante a avidez do leitor.”

Por último, não menos importante, é vital que a linguagem seja bem analisada antes de iniciar a contação. Mesmo que, nessa atividade não se vise o aprimoramento do vocabulário das crianças, não é viável que se deparem com uma linguagem própria de pessoas com maiores níveis de estudo.

Para Sosa (1978, p. 39), “quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída.” Sendo assim, a linguagem precisa ser clara e simples para que a criança possa se interessar pela história e compreender o que está sendo dito.

CAPÍTULO 2

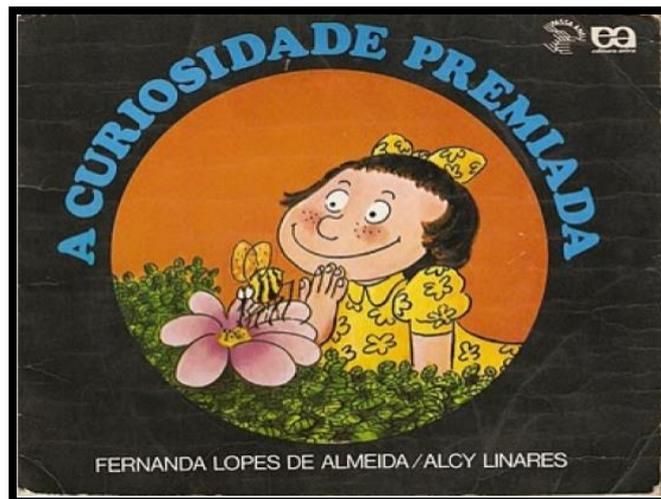
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ESCOLA

Neste capítulo abordaremos a importância da contação de história e da literatura infantil na formação do leitor. É sabido que é na infância que a criança absorve hábitos, crenças, posturas e opiniões, por isso a importância de incentivarmos o hábito de ler desde cedo nas crianças. Nós como professores devemos sempre proporcionarmos momentos de leitura, através do qual o aluno possa interagir com as histórias.

De acordo com Abramovich (2006. p.16) “escutar histórias é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. Ou seja, quando mais cedo a criança tiver contato com este mundo imaginário, encontrados somente nos livros, mais cedo os hábitos de leituras serão incutidos nas mesmas, formando assim um leitor ávido por novas descobertas.

2.1 Descrição e Análise da Experiência – A “Curiosidade Premiada” dos Estudantes

Para o levantamento de dados, foi realizada uma experiência que ocorreu por meio da contação de uma história, para a turma de 2º Ano do Ensino Fundamental com crianças com idades entre 7 (sete) e 8 (oito) anos do Colégio Status, localizado no município de Campo Grande-MS. A escola da turma ficou a critério da coordenadora pedagógica da escola, pois como foi realizado em um período de fechamento de notas da escola, não queríamos atrapalhar o cronograma escolar. A obra escolhida foi o livro “Curiosidade Premiada” de autoria de Fernanda Lopes de Almeida (1999).



A escolha do livro se deu, principalmente, por ser uma história que poderia chamar a atenção das crianças por se tratar de uma temática que é muito presente no dia a dia das crianças, já que todas passam e/ou passaram por um período de curiosidade e descobertas. Ao mesmo tempo é uma história que possibilita às crianças utilizarem o imaginário para perceber as diversas situações e possibilidades que a curiosidade pode oferecer.

O livro conta a história de uma menina chamada Glorinha, que tinha uma imensa curiosidade, fato que não era bem recebido por todos. Até que os pais não aguentando mais tantas perguntas da filha, resolvem procurar a solução para a curiosidade sem medida da menina. Para isso, vão se consultar com a Dona Domingas [...] que era uma professora velhota por fora. Por dentro (.....) era muito nova. “Todos pediam conselhos a ela” (ALMEIDA, 1999, p. 7 e 8) e descobriram que a curiosidade poderia ser uma ferramenta, para saber muitas coisas, que eles próprios tinham curiosidade em saber, mas por serem adultos tinha receio de perguntar.

Essa contação de história ocorreu dentro da sala de aula e em dois momentos: No primeiro momento, após a apresentação, perguntamos para os alunos quem era curioso, e por seguinte, quem era muito curioso, como forma de preparação e estímulo à contação da história. Ficamos encantados ao ver que todos levantaram a mão e continuamos a fazê-los se envolverem mais com atividade. Perguntamos, quais eram as principais curiosidades que tinham e se em casa alguém respondia quando faziam perguntas e o que acontecia quando ninguém sabia responder. O que não foi surpresa quanto a maioria respondeu

que era no computador ou no celular, pois sabemos, que, hoje em dia os meios tecnológicos fazem mais parte da vida das crianças do que os livros.

Passado este momento inicial apresentamos o livro para eles e posteriormente iniciamos a contação da história, formando uma roda e com o livro voltado para as crianças, propiciando que pudessem acompanhar a história por meio das figuras. A técnica utilizada foi a maneira tradicional de contar histórias, utilizando somente a entonação de voz como instrumento de auxílio para chamar a atenção para certos fatos que ocorreram durante o processo de contação, como no início da história, onde alguém logo se irrita com as perguntas de Glorinha:



A todo o momento, durante a história, alguma das crianças, nos interrompia para fazer uma contribuição, seja um breve comentário ou mesmo para rir de alguns fatos engraçados, como quando ouvem a sugestão da Dona Domingas, para uma mãe que pergunta o que fazer com seu filho que vive com galo na cabeça, e que obtém como resposta: “– *Arranje uma galinha e pintinhos para ele. O pobre galo precisa de companhia – Eh! Eh!*” (Almeida, 1999. p. 9)

A turma foi bem comunicativa e foi satisfatório realizar esta experiência de contação de história para eles. Como o texto tem uma linguagem bem simples, possibilitou uma rápida construção do sentido e/ou dos sentidos do discurso apresentado na história, oportunizando a interação entre o grupo e a

obra. Ao término da história, os estudantes em roda relembrou os fatos ocorridos e cada um, à sua maneira, recontou a história, incluindo fatos novos.

Esse relato com a criação de fatos novos, faz-nos compreender que a interação entre a história e as crianças se deu mediante a construção de sentidos que elas compreenderam do texto, ou seja, recriando a história essas crianças interagem com o outro que é a história original, realizando uma leitura compreensiva, de tal maneira que conseguem dar-lhe novos sentidos de maneira autoral e autônoma.

Em seguida voltaram a falar sobre curiosidade e durante a nossa conversa foram apontando como o mundo a nossa volta é interessante e que temos muitas coisas a conhecer em uma clara demonstração leitores conscientes.

No segundo momento, pedimos para que os alunos contassem a história, apresentando sua versão e foi possível constatar outro fator importante da contação de história em sala de aula: o desenvolvimento da memória, pois além de recontarem, eles conseguiram lembrar o que havíamos discutido na aula anterior sobre as mais engraçadas curiosidades despertadas pela leitura do livro. Em seguida, pedimos às crianças que reescrevessem suas versões da história, momento em que notamos a falta de interesse pela escrita, pois o que eles queriam mesmo era recontar a história oralmente e não escrever.

Outro aluno indagou se, em vez de contar a história, poderia descrever suas curiosidades. Neste momento, ficamos em dúvida sobre qual caminho deveríamos seguir, uma vez que o planejamento a ser seguido foi elaborado previamente. Entretanto, compreendemos a importância do diálogo e que nem sempre é possível seguir à risca o planejamento sendo necessário adequar o que planejamos para que as atividades sejam desenvolvidas e os objetivos sejam alcançados. Sendo assim, a resposta foi sim.

Em seguida, uma aluna que já havia terminado a atividade, pediu para ler o livro para turma no que foi atendida após todos terem realizado a primeira atividade solicitada. Essa criança leu a mesma história para a turma e foi interessante que depois que ela pediu, vários outros também se interessaram em ler sua história em voz alta para turma.

Dessa forma, a contação, que começou conosco, foi recontada várias vezes, evidenciando o gosto e o prazer pela leitura da história e pela temática,

bem como pela possibilidade que tiveram de construir sentidos e inter-relacioná-los com seu dia a dia, por meio de uma linguagem acessível e agradável. Assim, retomamos o que afirma Sosa (1978, p. 39), “quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída”. E desta forma, mais intimidade em mais interesse a criança demonstrará pela leitura.

Por meio dessa breve experiência, foram apenas dois dias dentro da sala de aula, foi possível perceber o quanto é significativo e prazeroso para as crianças ouvirem uma história, tendo em vista que gostaram de ouvir a história, e principalmente ficaram entusiasmadas por poderem contribuir para a contação. Dessa perspectiva, é de suma importância que o contador de história conheça bem o livro que está utilizando, para poder responder a todas as indagações feitas para seus ouvintes e que dê este espaço para elas, possibilitando que façam parte ativamente desse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação, bem como os objetivos estabelecidos para realização desta pesquisa, foram extremamente relevantes para o desenvolvimento da mesma, pois pela experiência que construímos por meio das aulas e durante os estágios obrigatórios realizados enquanto acadêmica do curso de Pedagogia ficou evidente que muitos educadores não dão a devida importância para o momento da contação de história dentro da sala de aula. Em sua maioria escolhem um livro aleatoriamente (no momento da roda), não se preparam e nem procuram utilizar essa atividade que possibilitaria assim desenvolver o imaginário da criança, bem como o gosto pela leitura.

A atividade de contação foi muito benéfica, pois foi muito bom ver como as crianças se envolveram, se encantaram e se concentraram na atividade. Procuramos realizar a atividade de contação da história “Curiosidade Premiada” de uma forma que alcançasse as crianças, e a cada relato pelas colegas as crianças se envolviam mais. Segundo Orlandi (2010, p. 70) “[...] o leitor deve se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem em um texto. Esses processos, por sua vez, são função de sua historicidade. Compreender como um texto funciona, como produz sentidos [...]”, em uma contação é preciso que a história diga algo ao leitor, conte-lhe algo, descreva alguém ou alguma coisa que possa impressioná-lo, tocá-lo.

Por isso, é possível afirmar que a atividade desenvolvida, embora tenha se dado com a contação de um único livro, na turma do 2º. Ano, possibilitou-nos evidenciar que os objetivos foram alcançados, pois despertou, nas crianças, o interesse pela leitura e pela contação de histórias. As crianças, em uma perspectiva da Análise do Discurso, ouviram as histórias, recontaram e se colocaram no lugar do outro (a professora contadora da história) quando pediram para também contarem essa história e de forma prazerosa e lúdica; tanto para elas como para a pesquisadora, desenvolveram a criatividade e a construção dos sentidos despertados pela história.

A escolha do livro para a contação da história foi extremamente importante para a coleta de dados desta pesquisa, pois possibilitou uma maior interação entre as crianças que conseguiram compreender a história e a partir dela, relacionar as situações vividas pela personagem com as que também

vivenciam, além de descobrir um “mundo” de possibilidades dentro das mais diferentes “curiosidades”.

Além desses aspectos, a realização da atividade e a análise dos dados possibilitaram-nos, enquanto pesquisadora, uma reflexão por meio da qual foi possível perceber ainda que o livro escolhido foi pertinente ao público alvo em relação ao tema, pois prendeu a atenção das crianças além de gerar um momento de interação com a turma sobre o tema curiosidade, levando-as a perceberem que a curiosidade é algo normal e que devem sempre indagarem sobre as dúvidas que surgem no decorrer de sua vida.

Por fim, é possível afirmar que, se a contação de história for bem trabalhada é um importante instrumento do educador no processo ensino-aprendizagem além de possibilitar aos alunos um maior desenvolvimento da imaginação, da fantasia, da linguagem, entre outros. A utilização da literatura na sala de aula, como produto de interação social faz com que os alunos possam identificar-se por meio dos mais diversos conceitos sociais, trazendo saberes e valores para suas vivências, além de possibilitar seu crescimento, enquanto sujeito social, formando um leitor crítico e atuante na sociedade na qual está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, F. L. **A curiosidade premiada**. São Paulo: Ática, 2008.

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. 1999. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo07.htm>, acesso em 11 de setembro de 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 02 de Nov. de 2017.

_____. FDP. Disponível em <https://fd.com.br/detalhes/?id=5597>. Acesso em: 15 de Set. 2017.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica – 6ª ed**. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed. 2001.

ESCARPIT, Denise. **La literatura infantil y juvenil en Europa**. Trad. Diana Flores, México, Fondo de Cultura Económica. 1981.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: ARTMED, 1994.

HAVELOCK, Eric. **A equação oralidade-escritura: uma fórmula para a mente moderna**. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy. **Cultura e oralidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**. In ZILBERMAN, Regina. (org.) *Literatura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed., Campinas-SP: Pontes, 2010.

_____. **Discurso e Leitura**. 5 ed., São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2000.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia. Realize. 2005.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

ANEXO

TEXTO “ A CURIOSIDADE PREMIADA”

Que menina curiosa era Glorinha!

Tudo queria saber!

__Por que você está de camiseta azul? - perguntava ao moço que que passava na rua.

__Por que você tem o cabelo cacheado? - perguntava à prima mais velha.

__Por que você é careca? - perguntava ao vovô.

Em casa, quando estavam fazendo a janta, Glorinha perguntava:

__Como é que se faz feijão?

__Glorinha, vai brincar, vai! Estou ocupado agora...

Era o telefone tocar para a menina sair pulando e cutucando quem falava:

__Com quem você está conversando, hein? Com quem? Com quem? - pedia Glorinha.

__Pare de amolar, menina!

Na escola, era a mesma coisa. O professor dizia:

__Podem guardar os cadernos!

E Glorinha pedia:

__POR QUÊ?

A mãe e o pai de Glorinha já não suportavam tantas perguntas.

__Querido! - disse a mãe de Glorinha numa noite - Estou exausta!

__E eu, então, querida! - suspirou o pai de Glorinha nessa mesma noite - Hoje Glorinha me fez passar uma vergonha enorme no mercado. Tudo ela quer saber. Tudo ela pergunta...

__Será que nossa filha tem algum problema?! - assustou-se a mãe.

__Quem poderia nos ajudar? - perguntou o pai.

__Já sei! A Dona Domingas!!!

Dona Domingas era a velhinha mais simpática da rua. Simpática e muito, muito sábia. Quando chegaram lá, Dona Domingas ouviu o problema e sorriu carinhosamente, dizendo:

__Ora, meus amigos, o que Glorinha tem é CURIOSIDADE ACUMULADA...

__E isso é grave, Dona Domingas? - perguntaram os pais.

__Pode se tornar grave se vocês não responderem as perguntas que ela faz.

__E o que pode acontecer?? - perguntaram de novo os pais mais assustados ainda.

__Glorinha pode começar a inchar, inchar, inchar até explodir.

__Nossa!!! - exclamaram os pais.

E, daquele dia em diante, eles passaram a responder a todas as perguntas da menina... que foram muitas. Como as perguntas continuavam a aumentar e os pais de Glorinha continuavam cansados.

__É assim mesmo! - explicou Dona Domingas. - Glorinha precisa gastar toda a curiosidade que acumulou. Depois, ela vai passar a perguntar menos e com mais calma.

E foi assim mesmo. Glorinha foi perguntando menos... mas, em compensação, suas perguntas foram ficando mais difíceis.

__Por que o vento venta?

__Por que o arco-íris é colorido?

__Como é que foi que eu nasci?

Desesperados, foram consultar, novamente, Dona Domingas. Ela abriu aquele seu sorriso carinhoso e explicou com calma:

__Ora, se Glorinha faz perguntas que vocês não sabem responder, comecem a perguntar junto com ela!

__Nós?! - espantou-se a mãe.

__Mas já somos adultos! Gente grande não sai perguntando as coisas. - concluiu o pai.

__Quem foi que disse que gente grande não pergunta? - ralhou Dona Domingas - Eu sou gente grande há muito tempo e continuo fazendo perguntas até hoje. Vão e perguntem junto com a Glorinha!

E foi exatamente isso que eles fizeram. Uma manhã, durante o café, ela cismou de saber:

__Onde terminam as estrelas?

Os pais não sabiam, então levaram a menina até a universidade onde havia um astrônomo que estudava as estrelas. O homem entregou a Glorinha um telescópio!

__Tele o quê?

__Te-les-có-pio, Glorinha! Com ele conseguimos olhar as estrelas que estão muito distantes da Terra. E, sabe, a gente acredita que além dessas estrelas existem outras e outras e mais outras.

__Puxa! Que interessante! - murmurou Glorinha.

Um dia, durante o almoço, a menina cismou de saber:

__Como nascem as árvores?

Os pais não sabiam, então, num domingo, encontraram o jardineiro cuidando da praça da cidade. Ele, gentilmente, respondeu:

__Ora, Glorinha, as árvores nascem das sementes! - e entregou à menina uma sementinha. - A semente vai pra debaixo da terra, começa a inchar, um broto escapa lá de dentro e vai crescendo, crescendo, criando folhinhas e galhos até que se transforma numa árvore!

__Puxa! Que incrível! - murmurou Glorinha.

Uma tarde, durante o lanche, a menina cismou de saber:

__Para que serve aquela mangueira que o elefante tem na frente do rosto?

Os pais não sabiam, então levaram a filha até o zoológico. O tratador dos bichos, muito paciente, explicou:

__Esta mangueira na frente do rosto do elefante se chama TROM-BA, Glorinha. Ela é o nariz do elefante, serve para ele respirar, coçar a cabeça e tomar banho.

__Puxa! Que demais! - gritou Glorinha.

Os pais, contentes, voltaram à casa de Dona Domingas.

__Estamos tão orgulhosos de Glorinha, Dona Domingas! Ela aprendeu tantas coisas em casa e lá fora que queríamos dar um prêmio a ela.

__Meus filhos, a Glorinha já recebeu o prêmio!

__Já?! - pediram os pais, espantadíssimos!

__Sim, perguntem a ela...

E os pais perguntaram.

__Qual foi o prêmio que você ganhou, Glorinha?

__Papai, mamãe! Eu ganhei o maior prêmio que uma criança pode querer... O prêmio é VIVER NUM MUNDO INTERESSANTE!

__Só?

__E vocês acham pouco!?

Os pais não achavam, tinham perguntado por perguntar, porque toda a família tinha aprendido como é importante ter curiosidade e fazer um montão de perguntas.

E Dona Domingas continuou a receber pais preocupados.

__Para falta de curiosidade de filho, o que eu faço, Dona Domingas?

__Ora, meu filho - dizia Dona Domingas para o pai. - É só plantar bananeira! A curiosidade descerá até a cabeça porque, com certeza, ela mora no dedão do pé!